FATORES GERADORES DA AGROBIODIVERSIDADE – INFLUÊNCIAS SOCIOCULTURAIS

Katia Marzall¹

Palavras-chave: agrobiodiversidade; cultura; valores.

INTRODUÇÃO:

Agrobiodiversidade é definida pela diversidade de espécies cultivadas, sistemas de cultivo e de criação de animais presentes em um sistema agrícola (Wood & Lennè 1999). Como se vê, o termo 'agrobiodiversidade' remete imediatamente às bases ecológicas da paisagem agrícola. No entanto, se considerarmos que um agroecossistema é definido pelo ser humano em função de suas necessidades alimentares e econômicas (Conway 1987), podemos afirmar que a agrobiodiversidade, apesar de considerar elementos naturais, é essencialmente definida por fatores socio-culturais. Tendo por base diferentes tipos de sistemas de produção, esta apresentação pretende discutir as bases socioculturais que definem a agrobiodiversidade.

DESENVOLVIMENTO:

Agroecossistemas são áreas de paisagem natural transformadas pelo ser humano com fins de produzir alimento, fibras e outras matérias primas (Conway 1987). Uma das características de agroecossistemas é a predominância de espécies de interesse humano, e uma organização espacial que estrutura e facilita o trabalho de produção. O grau de distanciamento do ecossistema original, a introdução de espécies e variedades exóticas, a distribuição espacial dessas espécies, assim como o grau de simplificação dependem do objetivo do/a produtor/a, e conseqüentemente do sistema de produção adotado. O que fundamenta esses objetivos são as bases culturais no qual ele/a se insere.

O termo 'agrobiodiversidade' está normalmente associado – apesar de não exclusivamente – a discursos sobre agricultura alternativa (biológica, ecológica, orgânica, natural, etc); agricultura tradicional (resgate de espécies nativas, herança biológica e cultural); e agricultura familiar (diversificação de renda, segurança econômica). Os sistemas de produção também se mantêm dentro de uma certa linha de discussão: agrofloresta, permacultura, policultivo, entre outros. Esses discursos são característicos de um certo tipo de agricultura, que se contrapõe à agricultura dominante (Almeida 1999), do ponto de vista econômico, cujos discursos giram em torno de produtividade, melhoramento, tecnologia de

Endereço da Autora: University of Guelph – Rural Studies PhD Program; Guelph, ON - N1G 2W1 – Canada
email: kmarzall@uoguelph.ca

ponta. Estes últimos são os discursos que sustentam os dados sobre o aumento da produção e da produtividade agrícola, suprimindo grande parte da demanda mundial de grãos. Ambas linhas tem o mesmo objetivo final: produção de alimentos. No entanto, caracterizam diferentes tipos de agricultores, e da mesma forma, diferentes tipos de técnicos e pesquisadores que apóiam os vários sistemas de produção. Essa diversificação se baseia nas diferentes fatias de mercado que atendem (local, *in natura*, industrial, nichos de mercado, etc), na percepção que têm do ambiente, mas sobretudo em função dos valores e objetivos pessoais dos diferentes grupos.

Para vários grupos étnicos, a manutenção da diversidade, e o sistemas de cultivo adotados estão diretamente ligados a suas bases culturais: processos produtivos transmitidos através de gerações, tendo por bases as crenças de vida e religiosas, além da direta manutenção biológica da vida, através da produção de alimentos (Deb & Malhotra 2001; Woodley 2002; Zarzur et al 2003). Esses sistemas de produção são perpetuados em função da marginalização, geográfica ou econômica, consciente ou não, do sistema de mercado dominante seja pela falta de contato com alternativas “modernas”, ou talvez impossibilidade de adotá-las, seja pelo grau de consciência da própria cultura, que reforça a crença no próprio sistema. Nesse tipo de sistema se observam grupos altamente sustentáveis (Reintjes et al 1994; Deb & Malhotra 2001; Woodley 2002), mas também grupos com sérios problemas de subsistência, que mantêm um policultivo de baixíssima produtividade e ambientalmente problemático, que caracterizam a agricultura de subsistência – e de fome – de grande parte dos países subdesenvolvidos.

A adoção da diversidade como base do processo produtivo também caracteriza uma agricultura que se volta para nichos de mercado – especiarias, plantas ornamentais e produtos “orgânicos” por exemplo. Uma preocupação com o meio ambiente natural muitas vezes está presente entre os valores dos agricultores que escolhem esses processos produtivos. O maior valor do produto final compensa pela menor área produzida, e muitas vezes a integração da produção ao ecossistema natural local agrega valor ao produto.

Muitas vezes, a adoção da diversidade agrícola esta completamente dissociada do mercado, como e o caso de comunidades intencionais (Mollison 1982; Bell 1992), que adotam a permacultura não por tradição (ainda), mas como escolha consciente em função do estilo de vida adotado. O sistema de produção é semelhante aos sistemas de agricultura

tradicionais, mas estão também fundamentados no conhecimento científico da ecologia e fisiologia das plantas cultivadas, além do estudo do ecossistema local.

No entanto, a tendência predominante na agricultura moderna é o monocultivo. A razão do monocultivo provavelmente remonta ao surgimento das primeiras cidades, quando os produtores de alimentos passam a ter que produzir em maior quantidade para atender a demanda de uma crescente população não-produtora de alimentos (Childe 1951). A quantidade demandada, praticidade na colheita, eficiência no transporte, são fatores que influenciaram e continuam influenciando a escolha por grandes áreas de monocultivo. A especialização da produção permite a simplificação da estrutura, facilitando a tomada de decisão e fatores que influenciam o processo de produção. Em última análise, a escolha do sistema de produção é baseado em fatores econômicos ligados à produção eficiente de uma mercadoria. A pesquisa agrícola 'moderna' é ao mesmo tempo uma consequência e um fomento dessa lógica: na especialização está a eficiência e a segurança alimentar. Uma frase que não pode ser considerada falsa, mas que também não é de todo verdadeira. De um lado estão os grandes produtores, com vastas áreas de monocultura que visam uma maior produtividade econômica, tendo normalmente sua sustentabilidade baseada no apoio da tecnologia de ponta, que supre deficiências (fertilizantes, corretivos) e protege contra adversidades (os vários 'cidas). Muitas vezes – mas infelizmente isso está longe de ser uma unanimidade – adotam sistemas eficientes de conservação de solo e água (Landers 2001), e os produtores estão ecologicamente conscientes da necessidade de proteger mananciais e áreas de flora nativa. Os produtores agrícolas de ponta estão informados de que sua produção depende da qualidade de seu ambiente, que solo e água não são inesgotáveis e precisam ser protegidos, e tentam assim garantir uma sustentabilidade ecológica, além da econômica. No entanto, a monocultura também está presente junto a produtores familiares, que tentam se integrar no mercado, mas pela baixa competitividade, e pelo contexto em que se inserem, estão sendo marginalizados não apenas economicamente, mas frequentemente também estão em, ou criam, áreas ecologicamente marginais, de consequência frágeis e degradadas.

CONCLUSÕES:

Ver a “sustentabilidade” de sistemas de alta e de baixa diversidade, em um primeiro momento, levanta questionamentos sobre, afinal, que sustentabilidade se está procurando.

Questionar a sustentabilidade de uma monocultura ou de um policultivo parte de um certo entendimento de sustentabilidade. A valorização da agrobiodiversidade – e inclusive do tipo de agrobiodiversidade que estamos considerando, seja diferentes cultivares, diferentes espécies, manutenção de espécies nativas ou outro – depende do conjunto de valores e das prioridades do observador, seja esse observador uma pesquisadora, um técnico, uma agricultora ou um consumidor. Esses valores e prioridades são formados pelas bases éticas, culturais e sociais que formaram esse observador, e ao mesmo tempo também são influenciadas pelos fatores externos, como a estrutura econômica na qual estamos inseridos, assim como o leque de informações ao qual temos acesso nesse tempo cada vez mais globalizado.

Ao considerar essa diversidade de pontos de vista no que diz respeito ao entendimento da agrobiodiversidade e da adoção de sistemas de produção que priorizem essa diversidade, se quer enfatizar a importância de considerar os valores e objetivos de cada pesquisador e agricultor, tanto para entender suas escolhas quanto para apresentar alternativas a essas escolhas, indo além de um totalitarismo de verdades, mas desenvolvendo, usando as palavras de Paulo Freire, uma conscientização crítica no que diz respeito a agricultura que queremos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Almeida, Jalcione 1999. **A construção social de uma nova agricultura**. Porto Alegre: UFRGS.
- Bell, G. J. 1992. **The Permaculture Way**: practical steps to create a self-sustaining world. London: Thorsons.
- Childe, V. Gordon 1951. **Man Makes Himself**. New York: New American Library.
- Conway, G.R. 1987. The Properties of Agroecosystems. **Agricultural Systems** 24:95-117.
- Deb, D.; Malhotra, K. C. 2001. Conservation Ethos in Local Traditions: The West Bengal Heritage. **Society & Natural Resources** 14 (8) 711 – 724.
- Landers, John N. 2001. **Zero tillage development in tropical Brazil: The story of a Successful NGO activity**. Roma: FAO (FAO Agricultural Services Bulletin 147).
- Mollison, Bill 1981. **Permaculture One: a Perennial Agriculture for Human Settlements**. Winters, Calif. : International Tree Crops Institute.
- Reintjes, C.; Haverkort, B.; Waters-Bayer, A. **Agricultura para o futuro: uma introdução à agricultura sustentável e de baixo uso de insumos externos**. Rio de Janeiro: AS-PTA.
- Wood, D.; Lenné, J.M. 1999. Why Agrobiodiversity? In: Wood, D.; Lenné, J.M. **Agrobiodiversity: Characterization, Utilization and Management**. New York: CABI Publishing. pp.01-14.
- Woodley, Ellen 2002. **Local and Indigenous Knowledge as an Emergent Property of Complexity : a case study in the Solomon Islands**. Tese (Doutorado) Rural Studies PhD Program, University of Guelph - School of Rural Planning and Development, Guelph, Ont, Canada.
- Zarzur, S.B.B.C.; Alves, R. B.N.; Costa, I. R.S.; Dias, T. A.B.; Kraho, G. 2003. Conservação de Recursos Genéticos entre os índios Krahô. In: I Simpósio de Etnobiologia e Etnoecologia da Região Sul: Aspectos Humanos da Biodiversidade. **Anais**. Florianópolis 13-15 de novembro de 2003. Florianópolis: Soc. Bras. De Etnobiologia e Etnoecologia/Universidade Federal de Santa Catarina. pp150-159.